6.º ANO LISBOA—QUARTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1926 N.º 1539

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 87, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 185 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

FLEXA Ribeiro, num largo estudo que consagrou a Camilo, publicado em *O Paiz*, do Rio de Janeiro, escreve, entre muitas coisas interessantes, este trechosinho que o não é:

«E' que a actividade mental do autor da «Caveira da Martyr» não descia ao profundo das coisas: ficava na superficie dos aspectos. Além disso insulado em país onde os movimentos artisticos chegam com atrazo de 30 anos,—ele não teve folga de espirito, nem coragem de renegar o passado: perdurou onde estava, embora as vozes poderosas do seu temperamento clamassem contra a escravidão».

E' sempre tendenciosa ou desageitada a critica, quando julga um autor fóra do ambiente em que viveu. Camilo, dentro do romantismo, foi romantico a seu modo e algumas vezes ultra-romantico.

O seu temperamento, força livre e irreprimivel, não se sugeitou a regras nem a canones. Para o diferenciar, basta o seu impeto bravo de satirista e de polemista, a sinceridade da sua paixão, que o coloca acima de todos os seus contemporaneos.

Entre o seu coração e o seu espirito houve um conflicto constante: todos os seus livros traduzem as fases e aspectos dessa desharmonia.

Sem fazer gala de alta sciencia psicologica, sabe apreender os sentimentos, dramatisa-los e descobrir a sua origem, a sua marcha e as suas crises mais complicadas e dolorosas.

A tal respeito poucos o egualam, seja em Portugal, seja lá fóra.

Acusa-lo de superficial equivale a lê-lo sem o compreender ou interpreta-lo para o deformar.

A sua visão intucionista dos misterios da alma não o levava para o descritivo, mas sim para a revelação psiquica pela narrativa.

Os seus personagens desnublam-se, agindo, sentindo, amando e sofrendo e não cultivando o «eu» para curiosas confidencias de alcova ou «boudoir». E' por isso que eles são mais humanos que literarios.

* * *

UM dos nossos leitores classifica de mórbida a curiosidade infatigavel com que o publico vem seguindo a historia do crime de Maria Alves.

Aparte o respeito que nos merecem as opiniões alheias, não podemos concordar.

Não se trata de seguir o desenvolvimento dum «film» ou romance policial, posto que esse aspecto tenha tambem a sua influencia. A descoberta dos autores dum crime sensacional envolve sempre uma questão moral — o castigo e a expiação.

Se a sociedade se desinteressasse do destino dos que a atacam, violando as leis essenciais da comunidade, o caso seria mais para temer.

Desde que, como agora, a opinião tomou uma atitude decidida, pedindo que justiça se fizesse sem atenções nem hesitações, ninguem ousará afirmar que estivesse em jogo o simples desejo perverso de reviver um crime para gosar com a sua exibição.

* * *

SOB a presidencia do sr. general Sá Cardoso, reuniu-se a Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, tendo tratado de varios assuntos de expediente e bem assim da possibilidade da construção dos Padrões em La Couture, Loanda, Lourenço Marques e Lisboa

MARINHA MERCANTE

Se atentarmos para as cifras do nosso comercio maritimo, verificaremos que apenas 15 por cento das mercadorias importadas e exportadas são transportadas por navios nacionais, e o restante, que é a maior parte, vai alimentar as marinhas mercantes estrangeiras, países havendo, como a Inglaterra, que recolhem fartos lucros dos seus fretes maritimos, tomando ela só, a Grã-Bretanha, 42 por cento do nosso comercio maritimo.

Não ha nem pode haver entre nós uma marinha mercante como têm outros pequenos países, nomeadamente a Noruega, a Belgica, a Dinamarca, a Grecia, porque em Portugal tudo se conjuga para que ela não exista: os poderes publicos, as classes maritimas, os proprios armadores. A navegação entre portos portugueses, vegeta, graças á lei de cabotagem. Ela vai subindo os fretes, porque não tem nem pode ter concorrencia. Mas desde que entramos em luta com o estrangeiro, temos que ser inexoravelmente esmagados, pois não ha possibilidade de fazermos concorrencia. Os navios portugueses pagam no estrangeiro, por esses consulados fóra, somas fabulosas, que os consules fazem render ao maximo, obrigando os navios a pagar tarifas duplas, dispondo as coisas de modo a trabalharem fóra das horas regulamentares. E, assim, a nossa unica empresa maritima que faz concorrencia aos navios estrangeiros, a empresa *Carregadores Açoreanos*, que mantem as carreiras entre os Açores e os portos do Mar do Norte, dispende só com as despesas dos consulados nada menos de 150 contos por ano. Uma bagatela!

E não é tudo. Ha ainda peor: os factores consulares.

Quem carrega por mar para Portugal paga ao consul 4 por cento sobre o valor da mercadoria, o que é para o Estado um verdadeiro negocio da China. Imagine-se. Nada menos de 4 por cento, pagos á vista, sem outra complicação que um impresso com alguns dizeres, uma assinatura e um carimbo! Isto é para as mercadorias vindas por mar, porque as que vêm por caminho de ferro não pagam nada nem precisam de factura consular.

E deste modo, acontece que a exportação de França para Portugal prefere a via terrestre e até se faz mais, que é fazer vir as mercadorias em navio alemão até Vigo e de Vigo em camions para Portugal. Pudera! Escapam assim de pagar os 4 por cento da factura consular, afora as restantes complicações.

Os nossos governos, com o seu criterio estreitamente fiscal, não fazem senão estancar as fontes de produção nacional. Vê se bem, pelo que já expuzemos, que as maiores dificuldades da marinha mercante nacional é a concorrencia nos portos estrangeiros, criada pelas medidas fiscais e burocraticas dos nossos governos. Ao invez do que fazem os governos estrangeiros, que proporcionam as maiores facilidades ás suas marinhas e que as subsidiam carinhosamente, sabendo quanto influe na expansão do comercio externo uma poderosa marinha mercante.

Depois dos embaraços postos pelos poderes publicos, ha os das classes maritimas. A descarga em Lisboa é uma verdadeira tragedia. Em todos os portos do mundo se carrega e descarrega a tanto por tonelada, em geral um «shilling». E assim os navios carregam e descarregam rapidamente. Entre nós sucede coisa bem diversa. Os estivadores ganham ao dia, é preciso o duplo ou o triplo do pessoal que seria suficiente e o que lá fora leva dois dias a fazer, em Portugal leva oito. Quanto à Exploração do Porto de Lisboa nem vale a pena falar nisso, tudo são embaraços e exigencias a proposito de tudo e de nada.

E se do pessoal de cargas e descargas passarmos ás tripulações dos barcos, veremos ainda quanto as classes maritimas estorvam toda a expansão de uma marinha mercante nacional. São os sindicatos maritimos que, por meio de escalas, indicam as tripulações e fazem no por maneira a que estas sejam quasi duplicadas. O «Lagos», por exemplo, quando era alemão, navegava com 24 homens; hoje tem 38. O «Gonçalo Velho», de 1.100 toneladas, que navegava com 20 pessoas, quando era marroquino, mas que podia navegar com 17, tem nada menos de 31 tripulantes. Por isso a empresa «Carregadores Açoreanos», nos quatro barcos que tem, gasta com o pessoal em excesso nada menos de 450 contos por ano.

Porque sucede assim, porque se permitem estas vergonhas? E' que os nossos navios, excessão feita dos «Carregadores Açoreanos», navegam entre portos portugueses, sem concorrencia, e não têm mais trabalho do que levantar o preço do frete. Por isso o preço do frete de uma tonelada entre dois portos portugueses, não muito distantes, chega a atingir o preço que vigora entre um porto do mar do Norte e a Australia. E' uma vergonha, mas é exacto.

E' um abuso inqualificavel tudo o que acabamos de expor. E não admira, pois, que a situação se torne insustentavel para as empresas de navegação que pretendem concorrer com as marinhas estrangeiras. E' provavel que a empresa dos «Carregadores Açoreanos» seja mais uma tentativa sem exito e que todo o trabalho de um homem cheio de energia e de competencia, como é o sr. Frazão Pacheco, seu organizador e director, resulte em pura perda. E' provavel! E não é uma vergonha para todos nós, que continuemos a pagar ás marinhas estrangeiras 85 por cento dos fretes das nossas importações e exportações? E não tem o Estado o dever de intervir para impulsionar e afastar estas iniciativas, em vez de as rodear de obstaculos?

C. R.

A QUESTÃO da concessão da Carteira de Profissional da Imprensa, como nós o haviamos previsto, destina-se a ter uma larga e acalorada repercussão parlamentar.

Depois da reunião magna de ontem, na séde do Sindicato dos Profissionais, uma comissão avistou-se com os «leaders» dos varios agrupamentos, em S. Bento, tendo-lhe todos estes manifestado a mais viva simpatia.

Hoje, nas duas casas do Parlamento, foi o assunto tratado, tendo sido, sobretudo, a atitude assumida pelo sr. Cunha Leal a que mais vivamente impressionou a Camara dos Deputados.

Que vai seguir se? Se a questão for posta em termos de irredutibilidade, e dada as palavras que os representantes do Sindicato ouviram das figuras representantivas de todos os agrupamentos, é de supôr que os representantes da nação se coloquem ao lado das reclamações dos profissionais, modificando-as embora no sentido de as tornar mais praticas e eficientes.

Entretanto, o caso ainda alguma coisa deve dar que falar e, sobretudo, que escrever, porquanto é de profissionais de escrita que se trata.

* * *

UMA americana muito rica reclamou o cadaver de Chapman, o «gentleman» bandido e assassino que ha dias foi enforcado na prisão de Hartford.

Pretende inhumá-lo, no cemiterio de Cliffside, embora tenha de gastar uma soma de 2:500 «dollars».

Trata-se duma apaixonada que chora um sonho desfeito ou duma desiquilibrada que cultiva as sensações fortes e macabras?

Os advogados de Chapman, interrogados a tal respeito, mantiveram-se numa reserva prudente, limitando-se a dizer que a dama em questão quere conservar-se no mais rigoroso incognito.

Os jornais de Nova York têm bordado comentarios de varia especie, não faltando quem sustente que Chapman era um criminoso tão galante que alguma vez consultou as suas amadas sôbre a estetica... dos seus crimes.

* * *

UM nome surgiu hoje, com certas probabilidades de exito, para ir ocupar o cargo de Alto Comissario da Republica em Angola.

Foi a do sr. coronel Mimoso Guerra, que já desempenhou as funções de governador geral daquela provincia e que exerceu tambem as funções de ministro da Guerra no governo presidido pelo sr. Victorino Guimarães

* * *

COM a presença de 127 accionistas, representando 1.947.600$00 de capital, realisou-se hoje, sob a presidencia do sr. dr. Vicente Rodrigues Monteiro, a assembleia geral extraordinaria do Banco de Portugal, para tratar dos vencimentos dos corpos gerentes.

* * *

REAPARECE ámanhã *O Mundo*, sob a direcção do nosso presado colega sr. Urbano Rodrigues, continuando na defeza da politica do sr. dr. José Domingues dos Santos.

* * *

FOI hoje acometido de doença subita o engenheiro dos Caminhos de Ferro do Estado, sr. Artur Mendes.

Conduzido ao hospital de S. José, chegou ali já morto.

Ao Publico

A «Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs» e o assassinato da infeliz actriz Maria Alves

A Direcção desta colectividade enviou-nos a seguinte declaração, que publicamos na integra:

«Vem a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs perante o publico declarar:

«que nenhuma responsabilidade lhe cabe, pelo sucedido á desditosa actriz Maria Alves, cujo crime lhe merece a maior repulsa;

«que, no dia 12 do corrente, pelas duas horas da tarde, ao ter conhecimento das suspeitas do sr. dr. Paiva Lereno sobre os carros da mesma Cooperativa, imediatamente, á disposição deste Meretissimo Juiz, colocou toda a sua contabilidade, podendo assim Sua Excelencia rapidamente obter os elementos julgados convenientes ás investigações do nefando crime;

«que seguidamente fôram os directores desta Cooperativa, quem, interrogando os seus associados, que prestaram serviço na noite do assassinato de Maria Alves, devido ás suspeitas do sr. dr. Paiva Lereno, rapidamente descobriram qual o carro e chauffeurs que a tinham conduzido, bem como ao seu assassino, Augusto Gomes;

«que fôram ainda os directores desta Cooperativa, que procurando imediatamente o digno Juiz Investigador deste crime, lhe fizeram apresentação e entrega do seu associado na madrugada de hoje, tendo as declarações deste contribuido eficazmente, para que Augusto Gomes se confessasse autor deta monstruosidade;

«que aquele seu socio, segundo a opinião do meretissimo juiz dr. Paiva Lereno, não tem responsabilidades directas no crime, pois o seu mutismo derivou do aparente receio de represalias prometidas pelo criminoso Augusto Gomes, para assim obter o silencio e esquecimento do seu grave delito; e ainda por conselho do seu advogado;

«que apesar do sr. dr. Paiva Lereno expontaneamente ter produzido tais afirmações, resolveu a direcção, imediatamente suspender o socio detido de todos os seus direitos associativos, até que a Assembleia Geral desta colectividade sobre este assunto se pronuncie».

A tragica scena que se desenrolou num dos «taxis» da «Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs» e de que foi portagonista o maior cinico de Portugal, muito conhecido pelo «Barba Azul», podia ter-se desenrolado num dos muitos automoveis que pelas praças publicas andam a procurá de freguezes. Não é reponsavel, pois, a agremiação pelo crime que Augusto Gomes praticou.

Nem a «Cooperativa» nem os seus componentes são obrigados a adivinhar das intenções daquelos que entram nos seus carros.

Ninguem mais de que a «Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs» lastima o tristissimo facto, que a consternou profundamente, não estando no animo dela aplaudir crimes que repugnam á consciencia humana.

De resto, a seriedade de João Fernandes, está mais que provada, tendo esse homem sido vitima da sua boa fé e dos maus instintos de Augusto Gomes, que se serviu de todas as [illegible] para cometer o crime.

[illegible]

[illegible] pessoas não [illegible] entes [illegible] para sempre [illegible] E como [illegible] um lenitivo, contemplando o quer que [illegible] que lhes tivesse pertencido. Sobre [illegible] — um retrato.

[illegible] archivos da Photographia Bobone, [illegible] Pinto, 14, encerram mais de [illegible] clichés. Uma reproducção far-se-ha [illegible] tempo e da maneira mais artistica [illegible].

CASA ESPECIALISTA DE MEIAS

Rua Ivens, 53

Deve chegar amanhã de Paris, o gerente desta Casa onde foi adquirir um sortimento completo de NOVIDADES no seu genero.

UMA INICIATIVA

A letra

e a musica

da canção

do soldado português

Li, com muito prazer, a tradução que o sr. coronel Mario de Campos fez da *Canção do Soldado Espanhol* e o *Diario de Lisboa* publicou.

E' uma boa peça literaria, que só não atingirá o objectivo principal pela sua complexidade. Estas composições, destinadas a darem ao soldado bisonho a noção de patriotismo e a conseguirem o entusiasmo colectivo pelo canto em comum, hão-de ser simples, faceis e curtas, como versiculo de Biblia, como cantiga papular, como *couplet* de revista. A letra não deve ter mais de três ou quatro estancias; a musica ha-de ser ligeira e vibrante e deve repetir-se em cada estancia ou, quando muito, de duas a duas. As unicas variantes praticamente admissiveis, per mais eficientes, numa canção, devem ser: ou toda em côro, ou parte com voz isolada, seguida de côro.

A *Canção* espanhola é, á simples vista, muito complexa, literariamente, o que obriga a musica a ser complexa tambem — o que a impede de ser corrente e estar sempre na ponta da lingua.

Isto, afinal, são considerações de velho amador de musica; de resto, pedagogia facil. O motivo destas notas foi a pregunta e resposta do sr. Mario de Campos: — «Onde está a canção do soldado português? Está ainda na mente dos nossos poetas e na dos nossos compositores».

Aqui, uma de duas: ou não se averiguou se já existia alguma canção do nosso soldado, ou, se se constatou tal existencia, não mereceu o achado qualquer consideração.

No primeiro caso, não é ainda obrigatoria a mania que eu e outros temos de investigar primeiro e falar depois. Até os rapazelhos que começam a rabiscar, com sangue e ignorancia na guelra, têm o investigador por maduro, tipo inferior.

No segundo caso, se o achado não tem valor, nem por isso dixarei de confessar que existe uma *Canção do Soldado* português, musica e letra minhas. Foi feita em 1911, a pedido dum meu nobre amigo, o actualmente coronel sr. Guilherme Lopes de Azevedo, quando se encontrava de serviço em Mafra, onde então se reunira um contingente de alguns milhares de recrutas. A composição ressentiu-se bem do empenho de que o soldado cantasse a Republica e a Liberdade. Efectivamente, um enorme côro de milhares de vozes cantou a minha canção. Dos jornais da época, recordo-me que o *Mundo* deu a noticia da festa e publicou a letra, não a publicando *O Seculo* onde eu era redactor, para que se não pudesse pensar que essa publicidade era apenas uma facil vaidade minha.

O que é certo é que, depois da estreia em Mafra, começou a canção a cantar e a [illegible] pelos soldados nas ruas e em seguida pelo rapazio das imediações dos quarteis. Passou tambem a ser um numero dos [illegible]. Por [illegible], não [illegible] eu a receber [illegible], a canção foi muitas vezes [illegible] [illegible] [illegible] nunca me importei. O que era preciso era que o soldado português cantasse a Patria, a Republica, a Liberdade e a sua Terra. Estava conseguido? — explendido. O resto, o meu nome, não fazia ao caso. (Não tenho, até hoje, uma unica patente das ideias ou obras da minha invenção).

Mas o que — confesso-o agora — me deu um certo orgulho (silencioso, intimo orgulho) foi saber que, na Guerra, tanto em França como nas nossas Colonias, a minha canção era cantada expontaneamente pelos nossos soldadinhos. Andou, assim, o meu coração no deles, nas horas sagradas da saudade e da defeza da Patria. A vitoria final deve-me alguma coisa.

E aqui está como o sr. coronel Mario de Campos conseguiu a confissão dum secreto orgulho, que eu tinha como certo que havia de morrer comigo.

O que é preciso saber-se é que existe uma *Canção do Soldado* português. E, já agora, publicarei aqui a letra. Não se olhe ao efeito literario, que o soldadinho não apreciaria; mas á intenção psicologica, cujo efeito os factos se encarregaram de valorizar.

CANÇÃO DO SOLDADO

VOZ

E' honra ser soldado da Republica,
é honra defender a Liberdade!

CÔRO

Soldado! Avante! Avante!
por esse mundo fóra;
que o nosso povo ha-de
ser mais feliz agora!

VOZ

Não nos pertence a vida e nós estamos
a dá-la pela Patria decididos.

CÔRO

Republica de herois,
que ao mundo tens dado
a prova do que vale
o Português Soldado!

VOZ

Depois que a nossa voz bradou: Justiça!
o sol é mais brilhante em Portugal.

CÔRO

Nós sômos defensores
da nossa linda terra;
[illegible] bem unidos,
se [illegible] á guerra!

[illegible] PORTUGAL

Policlinica [illegible]

Largo do [illegible], 12, 1.º

[illegible] Central 180[illegible]

Doenças dos olhos — A's [illegible] horas — Dr. [illegible] d'Almeida.

Doenças dos rins e vias urinarias — A's 11,5 horas — Dr. [illegible].

Doenças dos ouvidos, nariz e gargante — A's 2 horas — Dr. [illegible] Pinto.

Cirurgia geral — Operações — A's 2 1/2 horas — Dr. Santos Paiva.

Clinica geral — A's 3 horas — Dr. Fernando Cabral.

Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.

Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.

Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Amaral.

Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Dr. [illegible] da Silveira.

Clinica medica — **Doenças do coração e pulmões** — **Doenças nervosas, electroterapia** — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco

Raios X — Massagens

[illegible]

A bebida nova — Refrigerante de frutos

PRODUTO [illegible] [illegible] tanea mente uma bebida [illegible], e estomacal, [illegible] sobretudo para senhoras e crianças.

A bebida mais economica, pratica e portatil, por ne dispensa garrafas; artigo de grande venda em mercearias, pastelarias, cafés, etc., e que tem obtido um verdadeiro sucesso no país e no estrangeiro.

Caixas de [illegible] cuzia, pelo correio, á cobrança, 8$00.

Descontos aos revendedores. Precisam-se agentes depositarios.

Pedidos a L. Silva Dias, rua Aurea 265 2.º — Lisboa — Tel. N. 32[illegible]7.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem anos hoje as sr.as:

D. Ermelinda Bon de Sousa da Mota Marques, D. Catarina de Sousa Coutinho de Macedo, D. Ernestina Infante da Camara Martins Pereira, D. Maria de Sousa Coutinho de Alcadia, D. [illegible] Virgolino de Brito, D. Maria de Lourdes Infante da Camara, D. Maria Helena Tenreiro (Barco Viana) e a menina Altaira Garrett Malheiros.

E os srs.:

Visconde de Odivelas, Conselheiro Francisco Cabral Metelo, Eduardo dos Santos Moreira, Luiz de Origão Barnay, Segismundo Costa e Luiz Augusto de Sampaio Forjaz Trigueiros.

Obras de caridade

Em S. Carlos

E' esta noite que se realiza no teatro S. Carlos, a anunciada recita de caridade em que um gracioso grupo de creanças, pertencentes á nossa primeira sociedade, interpretará o seguinte programa, que abrirá por uma conferencia pelo ilustre deputado sr. dr. Pinheiro Torres: 1.ª parte — A comedia francesa «Pierrot enchanté» por Maria Alice Andrade Santos, Luiz Augusto Forjaz de Sampaio Trigueiros e Manuel Pereira Caldas Correia de Lacerda, bailado das flores, fecho da comedia e quadro vivo «Oriental». 2.ª parte — Scenas mimicas por Miguel Forjaz de Sampaio Trigueiros: «Canção da Violetera» por Vera Bettencourt Moreira de Carvalho; «Parcifal», quadro vivo, e «côros» á guitarra; 3.ª parte — «Uma canção», por Luiz Laue; Quadro vivo «Milagre das rosas» (Rainha Santa); «Fabulas», versos de Luiz Trigueiros; terminando o espectaculo com o «bailado das horas» da opera «Gioconda».

Depois do espectaculo haverá baile no salão de entrada, dando o bilhete de espectaculo direito ao baile.

Salões

Revestiu extraordinario brilhantismo o «thé dançante» que na segunda-feira ofereceram no sumptuoso palacio Fronteira, a S. Domingos de Bemfica, ás pessoas das suas relações, os srs. condes da Torre.

Durante a tarde, as vastas salas, mobiladas com verdadeiro gosto artistico, ofereciam um aspecto deslumbrante, vendo-se ali reunidas grande numero de familias da nossa aristocracia, dando-nos a ideia dum jardim coberto de flores.

Além de animada conversação dançou-se quasi sem interrupção até perto das nove horas da noite ao som do eximio sexteto «Jazz-band» Fabre.

Pelas seis horas foi servido no magnifico salão de refeições, um finissimo chá.

Na assistencia, que era numerosissima, sendo dificil tarefa para um cronista mundano poder dar uma nota completa das senhoras, contudo recordamo-nos ter ali visto as seguintes:

Madame Verevkin, condessa das Alcaçovas (D. Tomazia), condessa das Alcaçovas e filhas, condessa de São Payo e filha, viscondessa do Teixel, D. [illegible] de Azevedo Coutinho, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Menezes e filhas, D. Tereza Galheiros Iglesias Viana, D. Sofia Ribeiro da Silva de Bragança, D. Ana Pinheiro de Melo de Arreola, D. Maria Cordeiro Requete Campos Henriques, D. Maria Amelia de Arriaga Xavier da Costa e filhas, D. Flora Bastos do Amaral e filhas, D. Maria Isabel Ferreirinha d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Sara Barnay Paiva de Andrade e filhas, D. Maria José Trigoso Ravara e filha, D. Maria da Camara Viterbo, mad. Jardim Hintze Ribeiro e filhas, D. Maria Leopoldina Correia Pereira de Sousa e Faro e filhas, D. Italia da Silva Correia Leite, D. Maria Augusta de Siqueira Ferreira e filhas, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo e filha, D. [illegible] de Sommer Pereira e filha, D. Stella Belmarço da Costa Santos, D. Laura Perestrelo Pinto de Sousa Coutinho ([illegible]), D. Maria de Oliveira Nunes de Carvalho ([illegible]), D. Fernanda de Almeida d'Orey e filhas, D. Aurora Ribeiro da Silva de Bragança, D. Maria Margarida Caupers de Bragança, mad. Campos de Andrade e filhas, D. Maria Luiza Alves Perestrelo, mad. Monte Real Azevedo Coutinho, D. Luiza Mascarenhas Fiuza.

D. Tereza da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) e filhas; madame Bon de Sousa e filhas; D. Virginia Montanha Rebelo e filhas; madame Sommer Ribeiro, D. Ester Guimarães Magalhães Coutinho, D. Maria Inacia, D. Maria Domingas e D. Maria Izilda Basilio de Castelbranco, D. Casimira d'Orey e filhas; D. Maria Bensed Guedes de Aguiar, D. Maria do Carmo de Sousa Coutinho, madame Almeida Lima e filha; D. Maria Cristina Rino, D. Maria de Carvalho Daun e Lorena Braga de Oliveira, madame Pressler e filha, D. Maria da Soledade de Carvalho Braga de Oliveira, madame Ivo e filha; D. Ilda Pessoa Amaral, madame Barbosa, D. Sarah Guimarães, madame Figueira Freire e filha; D. Lidia Rebelo e filhas; D. Tereza Roma Machado, D. Maria Street Manoel (Atalaya), D. Izabel Braga Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Izabel Pinheiro de Melo (Arnoso), D. Julieta e D. Corina Guedes de Amorim, D. Maria Tereza Rosa, D. Maria Amelia de Lancastre Freitas, mademoiselle Roncon, etc.

Os ilustres titulares e sua gentil filha foram de uma captivante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratissimos com os delicioso momentos que lhes proporcionaram.

[illegible]

A. [illegible]

[illegible]

Uma exposição

Todos os dias é visitada por centenas de pessoas a admiravel exposição permanente de retratos em todos os generos, aguarelas inglesas e molduras nacionais e estrangeiras da «Photographia Ingleza», de J. & M. Lazarus, na rua Ivens, 59 — incontestavelmente o nosso primeiro estabelecimento fotografico.

COMEDIA HUMANA

A psicologia

do emprezario Augusto Gomes

ANALISADA
por um jornalista
que acompanhou as investigações
do crime de Arroios

O nome do criminoso não interessa. Estava, desde as primeiras horas, nas linhas dos jornais. Na voz do povo—simplista, ingenua e adivinhadora. Nas consciencias que ainda sabem condemnar e, ao mesmo tempo, perdoar. O que preocupa, nesta tragedia repelente, em que não ha um arranco de alma, nem um fio sincero de chôro—é o crime. E, mais do que crime—a mentira do crime, mantida, confirmada, durante dias, por aqueles a quem interessava esfarrapa-la.

Porquê?

Talvês por êrro. Por comodidade. Por simpatia. Ou por nada disto—apenas por falta de fé.

* * *

Neste caso, o sentimento substituiu a logica. A pista da policia, intrincada e complicada de varias pistas, foi, de inicio, o sentimento—sentimento explorado até ás lagrimas, até aos anatemas, até ás invocações religiosas pelo criminoso. A logica só entrou como factor indestrutivel, quasi no final das investigações.

Houve um êrro inicial, e com ele construiu-se, solidamente, um edificio de quimera, em que Augusto Gomes trabalhou como ninguem. O poste da inocencia—serve ainda para a execução de quem o levantou.

A quem aproveitava a morte de Maria Alves? A Augusto Gomes, em primeiro lugar; em seguida, aos «apaches». Mas estes não operaram; o crime e o roubo careciam de tecnica.

Augusto Gomes—sim! Era ele! Foi ele! Tinha que ser ele!

* * *

Augusto Gomes é uma psicologia rasteira. Começou a vida como descarregador. Mais tarde foi marinheiro. Depois empresario. Jogou na vida a sorte grande do sucesso. Quasi todos os numeros lhe sairam premiados. Outros, desviou-os ele do seu curso normal. Li outro dia no *Dia*—uma velha noticia, que nenhum outro jornal teve a coragem de lançar e de confirmar: duas mulheres mortas; um incendio de materiais de teatro; uns vales falsos, no Nacional; um marinheiro sem alcache, junto de Machado Santos, na ocasião em que ele foi, refecemente, assassinado. Eu não acuso. Eu transmito. Não pretendo nem a condenação, nem a salvação de Augusto Gomes. Este homem sem remorsos só pode ter a misericordia de Deus e das suas vitimas. Escrevemos tanta mentira, que um pouco de verdade—toda a verdade!—é necessaria. Para traz as cobardias e as transigencias.

Dizia eu: Gomes tem uma psicologia rasteira, tenebrosa no passado, irregular no presente. Nele houve duas personalidades: um «eu» que actuou, que caminhou, que executou; e um «eu» que viu, que sentiu, que presenceou. Entre os dois a mentira, a fraude—a distancia. No mesmo homem, o actor e o espectador. O primeiro representa na cobardia da noite—invisivel, em silencio, misterioso ao proprio misterio. Foi calmo. O segundo aparece de dia, á clara luz do sol, estranho a si proprio—comove-se com o crime que praticou, como se não fôsse ele que o tivesse praticado! Havia alguma testemunha? Havia! Mas essa desaparecera, envolta numa consciencia anormal, extra-lucida de logica, que andava á solta, pelos mesmos caminhos, onde seguem os inocentes, os santos, os humildes. Divina, impenetravel e indiferente luz do sol—que vieste tarde, mas que vieste a tempo!

* * *

Augusto Gomes actor, é um miseravel que sabe representar, premeditar. Como espectador, sabe convencer, enganar, testemunhar. Dentro de si proprio cria a sugestão da inocencia que á força de vivida passa a ser real, embora em cada qual haja uma verdade.

A primeira grande scena—é na Morgue. São os soluços do criminoso esfacelados de lagrimas. E' a corôa funebre, que ele coloca no caixão, com palavras réles de saudade—farça lugubre! E' o fechar do sepulcro, no cemiterio,—e um Gomes a nivar mentira e angustia, tudo salpicado de sangue—mais farça cristalisada pelos ríctus da fera.

As mesmas mãos que estrangularam Maria Alves são as mesmas mãos que abençoam a filha, na hora do luto—outra Maria que agora começa e oxalá que Deus a proteja dos lobos carniceiros.

* * *

Lisboa, colectivamente, apaixonou-se pelo crime. Crime de teatro, de grande teatro, com gente de teatro. O espectaculo tem tudo—farça dramatica vivida a sério, com um cadaver a sério. Sombra e misterio. O Porto manifestou logo uma opinião. De longe, os factos adquirem perspectiva—perspectiva que muitos de nós, por estarmos perto, negámos, convencidos de que o crime não ia além das linhas normais e banais dum vulgarissimo caso da rua, ilustrado com um retrato de mulher bonita.

Mas entre esses «muitos» ha jornalistas que queimam os nervos na labareda da verdade.—Um deles sou eu. Não o digo agora por vaidade. Fi-lo por instinto e pelas «provas morais» que me forneceu o criminoso.

* * *

Tive duas visões de Augusto Gomes e não tive nenhuma visão do crime. Na mesma noite, em que Maria Alves foi estrangulada, vi o Gomes passar num corredor de teatro. Estava livido. Uma sombra densa alterava-lhe os traços da mascara, muito dura, saliente de angulos, já cavada, já nos «momentos do crime». A sua expressão correspondia ao facto longinquo que se ia realisar—delirio «tremens» de odio, de carnificina, de necrofilia. Ele não caminhava para o assassinio—o assassinio entranhara-se-lhe já na carne, na alma, gotejando rancôr e sangue. A imagem que ele creara—denunciava-o, mas não era nitida nem clara, no valor da minha impressão.

Quando vi Gomes livido, incerto no olhar, curvado, sorrindo mal, ele que tanto queria sorrir bem, de rosto descoberto, disse:

—Gomes anda faminto!

Avidas, insaciaveis e famintas foram as duas mãos que cumpriram nessa noite o destino inviolavel do crime, já escripto na sua visão—na minha para sempre!

* * *

Ao outro dia tornei-o a encontrar, no mesmo teatro. Vi-o vencido, com as mãos amarradas, num gesto de abandono.

O olhar dele enfraqueceu quando o fitavamos. Não era directo. Era uma oblíqua constante, que tinha medo duma analise rectilinea. Dobrava a cabeça—e contava. Era a sua defeza que principiava—timida, hesitante—frouxa ainda. Se nessa hora o tivessem prendido—o que dele havia de «incomunicavel» revelar-se-ia com facilidade.

Gomes representava o crime, em todos os detalhes, como se o tivesse visto. Admirei-me de tanta nitidez, de tanta expontaneidade.

Para ele tudo eram certezas. A certeza do assalto. A certeza do laço. A certeza do roubo. E porque teria sido assim? Tantas maneiras de matar! Descrevia tudo, com a mesma monotonia de timbre verbal, sem um salto, sem uma exclamação piedosa para a morta, sem uma palavra de odio para os criminosos. Falava deles, como que defendendo-os. Pudera! Se se defendia a si proprio, como se podia condenar?

Preguntei a mim mesmo se aquele homem que dizia amar tanto Maria Alves, a sua mulher paixão, a mulher-sacrificio, a mulher grande Mulher da sua vida, não se lembrava dela morta, aniquilada para sempre, evocando meia duzia de beijos!

* * *

Estas duas provas morais ficaram na minha consciencia, que o condenou desde a primeira hora. A analise do crime robusteceu-me essa convicção. O que se sabia e o que não se dizia—e é tanto!—manteve sempre o meu pensamento.

Como foi possivel a Gomes representar durante doze dias a sua inocencia? Não estamos em face dum criminoso excepcional, inteligente, faiscante de «ruse», mas sim junto dum homem apto e habil em qualquer situação, conhecendo os meandros subterraneos de todos os acontecimentos politicos e sociais do nosso tempo, onde a acção da justiça se não tem feito sentir. Lembrava-se talvez do 19 de Outubro! A impunidade para ele—era um facto assente. Oito dias de liberdade foram a sua convalescença moral, caso o crime, o que é improvavel, lhe tenha produzido algum abalo. A' medida que o tempo se afastava do crime, Augusto Gomes sentia-se mais forte, mais solido na mentira.

Depois dos interrogatorios [illegible] que era submetido, a liberdade reanimava-o. A luta com a policia, que decerto não lhe ocultava as boas impressões que tinha a seu respeito—era uma brinca[illegible] de crianças; um jogo em que as autoridades ficavam a descoberto, sem trunfos. Augusto Gomes teve ganha a partida [illegible] parceiros que o comprometeram [illegible] tanto, auxiliando-o, testemunhando [illegible] generosamente, perderam.

* * *

Gomes convenceu meio mundo [illegible] estava inocente. Conseguiu fazer [illegible] os mais fortes na sua verdade. Acusava-se a si proprio para se defender melhor. Tinha uma frase que lhe era constante nos labios: «Se soubesse que ela me atraiçoava, matava-me e matava-a». Negava assim o crime com uma suspeita gravissima formulada por ele contra ele, certo de que, dançando sobre a verdade como num fio de arame, facil lhe era alcançar, e alcançou, um equilibrio estavel [illegible] defeza.

* * *

Dizia-me um camarada, depois de conversado duas horas com Gomes: «ele, de facto, está culpado, é um grande actor. Maior do que Zacconi».

O meu ingenuo camarada esquece que o mal, força poderosa e diabolica, engrandece tanto os homens como os diminue e amesquinha.

* * *

Gomes era um leitor assiduo da [illegible] policial. Tinha em Arroios montões de putreia literaria e pretendia que a [illegible] de Maria Alves a lêsse.

A morte da actriz foi uma novela [illegible] feita—e mal realisada. Gomes não era [illegible] analfabeto do crime, mas ainda não [illegible] adquirido nem o estilo, nem a [illegible] matar.

* * *

Se a policia, de principio, tivesse [illegible] lhado o temperamento singular do criminoso, encontrar-lhe-ia historia bastante para o prender logo. Ha leis inderrogaveis. A psicologia, que neste caso não considerada como um optimo e irrefutavel elemento de culpa, não é uma abstracção efemera, é uma sciencia [illegible] facil de determinar e de comprovar. Augusto Gomes—era uma tremenda [illegible] s[illegible]ção, que dispensava todas as provas, todas as confissões, todas as testemunhas.

Augusto Gomes, por si só, acusava Augusto Gomes—por isso a voz do povo estava certa, sentimentalmente certa.

* * *

Augusto Gomes está preso e confessou o crime, mas ainda não estão esclarecidas suficientemente as causas do seu gesto. E' possivel que a justiça creia num crime passional. Expontaneo? Premeditado? E se não fosse assim? As duvidas que ele criou á sua volta não irá avolumá-las de novo, na destrinça dos factores que o levaram ao assassinio? No sangue de Maria Alves o oiro brilha demoniaco, estranho e fatal...

Vautrin ainda não realizou a sua ultima encarnação!

Artur Portela

TEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Santos, Limitada
Tel. C. 224
COMPANHIA ARMANDO DE VASCONCELLOS
de que faz parte
Auzenda de Oliveira
Unica Companhia de Opereta
Espectaculo sensacional da
Graça, Beleza, Luxo e Alegria
A celebre opereta de grande sucesso
Roma Galante
NOTAVEL CONJUNTO DE DESEMPENHO
Modernissima «mise-en-scène» de
ARMANDO DE VASCONCELOS

Policlinica
DA
RUA DO OURO
Entrada Rua do Carmo, 98 2.º
Telefone N. 535
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Villar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Faiva—2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—6 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—6 h.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Garage Monumental
::: A maior do País :::
Comporta 300 carros
Recolha de carros a Esc. 60$00—Gazolina: Litro 2$25
Lavagem de carros aos clientes mensais
Esc. 4$500 cada
Avenida Alvares Cabral (ao Rato)—Telefone N. 4949

Dr.ª Maria João Lopes do Paço
DOENÇAS DE SENHORAS
CLINICA GERAL
R. GARRETT, 74-1.º — 4 ás 5,30
Telefone C. 4186

A Cidade

Theatro Maria Vitoria Tel. N. 3644
HOJE, nas duas sessões — A's 8 1|2 e 10 1|2
A revista
FOOT-BALL
com AS ROBERTON'S GIRLS
Numero estrangeiro de sensação

Chá das cinco

«Recuerdo»

Quando em Sevilha, na sala de jantar do Hotel Madrid, onde Gago Coutinho, Ramon Franco, Cifka Duarte, Ribeiro da Fonseca, Dias Leite e outros aviadores portuguezes e espanhois comiam em varias mesas, vi aparecer a figura grata de Norberto Lopes não sofri a menor supreza. Achei mesmo muito natural que associado áqueles nomes e áquele novo feito surgisse o nome do jornalista-navegador ligado a outros feitos, tal como teria achado muito natural a aparição de Felix Correia, o aviador-jornalista, heroe de tantos feitos. Ambos estão acreditados azes da ala dos jornalistas intrepidos, ambos estão sagrados eleitos da ala dos jornalistas namorados, com o prestigio das suas cabeleiras, morena e romantica uma, loura e sonhadora a outra, e com o encanto dos «chás» amorosos que tiram o sono ás leitoras do *Diario de Lisboa*. Por tudo isto eu vejo sempre ligados a todas as heroicidades os nomes dos dois iluminados companheiros, melros brancos nestes tempos de melros de bico amarelo.

Por tudo isto não sofri a menor surpreza ao ver aparecer em Sevilha a figura simpatica de Norberto Lopes, que eu deixara dias antes em Madrid e que supunha regressado de Palos a Lisboa. Tal como me não surpreenderia a aparição do Felix Correia, que eu sabia na rua Luz Soriano. A ambos envio neste chá caseiro, que certas leitoras preferirão ao da Garrett, por ser temperado com os torrões de assucar que são o Norberto Lopes e o Felix, o «recuerdo» espanhol que rapidamente dei ao Norberto na sua rapida passagem por Cordoba-la-Vieja — passagem fugaz como a dos aeroplanos que voaram para Sevilha, — o «recuerdo» que espero dar ao Felix na sua primeira «aterrissage» por estas paragens de touros bravos e cavaleiros valentes ..

Rogerio Perez

Victoria Pinillos no Foz

Estreia-se hoje no Foz a notavel cançonetista espanhola Lina Valeri, despedindo-se a distinta bailarina mexicana Chérie Valentine e a interessante coupletista Carmencita Alvez.

Amanhã volta a trabalhar em Lisboa a grande Victoria Pinillos, uma das melhores estrelas das variedades, que em Madrid acaba de obter novos e sucessivos triunfos.

No dia 24 estreia-se uma admiravel «troupe» espanhola de zarzuela.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
*/Londres, cheque	—	94$75
*/Madrid	—	2$79
*/Paris	—	$67,5
*/Suiça	—	3$77
*/Bruxelas	—	$75
*/Nova-York	—	19$55
*/Amsterdam	—	7$84
*/Italia	—	$79
*/Brasil	—	2$75
*/Praga	—	$58,5
*/Suecia	—	5$24
*/Austria	—	2$76
*/Berlim	—	4$67
Libra esterlina	96$00	99$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	542$00
» 6 1|2 0|0 1923	524$00
Acções do Banco de Portugal	845$00
» do Banco Lisboa & Açôres	400$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	862$00
» da Companhia Port. de Fosforos	167$50
» das C.as Reun. Gaz e Electricidade	9:$00
» da Companhia do Amboim	82$00
» da Companhia Colonial do Buzi	60$00

FRANCÊS-INGLÊS
Cursos especiaes e nocturnos para ambos os sexos. Correcção de pronuncia. Conversação. Prof. especialisados
CURSO DOS LICEUS
R. da Palma, 219, 1.º

MILHARES DE CONTOS!

O «negocio» das senhas constitue uma especie de burla que deve ser reprimida pela legislação penal

—Querem enriquecer em pouco tempo? Querem ter uma gabardine inglesa por pouco dinheiro? Querem gosar os beneficios duma pequena fortuna da maneira mais simples e comoda deste mundo? Comprem uma senha do sistema progressivo, maravilhosa invenção destinada a lançar mãos cheias de ouro nas algibeiras do proximo, só pela filantropica intenção de ser util á humanidade...

«Ouçam! Ouçam! Distribuidas cinco senhas por cinco pessoas das suas relações, que por sua vez se encarregam de passar igual numero a outros cinco ingenuos, que levados pela sua ingenuidade e pelo desejo de enriquecer depressa batem cada um á porta de cinco amigos, dentro de pouco tempo ser-lhe-ha entregue pela casa emissora um premio de 10, de 20, de 30, de 50, de 100 contos, segundo o valor inicial da senha primitiva.

«Reparem para o alto duma montanha coberta por uma cabeleira branca e vejam desprender-se a minuscula bola de neve, que vai rolando, rolando até atingir a planicie, onde adquire já proporções de uma montanha gigante. Pois dá-se exactamente o mesmo com uma pequena quantia, que não faz falta a ninguem e que póde rolar, rolar através da ingenuidade de milhares de pessoas, acabando por se transformar numa fortuna que o primeiro papalvo recebe de mão beijada...

«Comprem! Comprem senhas! Ha senhas para tudo: para mobilias de sala de jantar, em mogno queimado ou em preciosa madeira de pau santo; para fatos de belo tecido inglês ou de lindas casemiras de Arrentela; para enxovais de noiva, todos em finissimas rendas de Bruxelas; para um *chalet* no Estoril, com uma linda vista de mar e de campo, que até parece um painel da Brasileira; para um par de botas que em geral ninguem sabe descalçar; para uma dentadura postiça; para um capachinho da moda; para uma cabeleira arrependida de ter sido cortada á «garçonne»...

Esta é a musica celestial que meia duzia de espertalhões cantam aos ouvidos da eterna ingenuidade humana, para lhe apanhar o produto das famosas senhas, que enriquecem apenas os cofres dos seus felizes emissores. Porque a fortuna que eles prometem, como charlatães de feira, é mais dificil de se encontrar do que o tesouro misterioso da rainha de Sabá.

E' facil fazer o calculo, que demonstra claramente a burla. Ha uma casa que anuncia senhas ao preço de 20$00 e que diz habilitar o comprador ao premio de dez contos. A senha n.º 1 receberá o premio sómente depois de 500 pessoas terem comprado senhas. E os possuidores das restantes, pela ordem que segue, só conseguirão alcançar os dez contos imaginarios, quando fôrem vendidas as seguintes senhas:

Senha	2	depois	da	venda	de	1.000	senhas
»	4	»	»	»	»	2.000	»
»	8	»	»	»	»	4.000	»
»	16	»	»	»	»	8.000	»
»	32	»	»	»	»	16.000	»
»	64	»	»	»	»	32.000	»
»	128	»	»	»	»	64.000	»
»	356	»	»	»	»	128.000	»
»	1000	»	»	»	»	500.000	»
»	10 000	»	»	»	»	5.000.000	»
»	100 000	»	»	»	»	50.000 000	»

Portanto, para que 356 pessoas sejam premiadas é necessario que paguem 128.000 individuos, e o possuidor da senha só receberá o correspondente premio depois da venda de 50 milhões de senhas!

Consideremos agora o factor tempo. Admitindo que se consiga vender uma senha por minuto, durante as oito horas uteis de cada dia não se poderão vender mais de 500 senhas e os 50 milhões de papelinhos necessarios para que o portador da senha n.º 100.000 seja premiado levarão 100.000 dias a vender, ou sejam 273 anos e 355 dias!

A conclusão é facil: quando entrarem em circulação senhas da serie 100.000, só 356 felizardos estarão em condições de receber o premio, e todos os novos compradores terão que esperar para o ano 2199, se quizerem ter a mesma sorte. Ora, nessa data, tudo indica que já não será chefe do governo o sr. Antonio Maria da Silva. E ainda mesmo que o seja um descendente do iluminado homem publico que hoje segura as rédeas do governo, ninguem garante que os herdeiros legalmente habilitados dos portadores de senhas recebam dos herdeiros presumivelmente legitimos dos vendedores das ditas o premio que lhe compete...

E agora pergunta-se:

—Porque razão a policia não intervem neste «negocio», que é parecidissimo com o embrulhinho de jornais que o *Pé Leve* entrega ao primeiro forasteiro que chega da provincia?

Responde o sr. dr. Teixeira Direito, que é homem de leis simpatico ao jornalista:

—Porque não ha lei nenhuma ao abrigo da qual a policia possa reprimir o abuso.

—O que ha então a fazer?

—O Parlamento deve votar uma lei especial, proíbindo esse negocio rendoso e fornecendo á policia meios legais para o reprimir.

Pois bem: tem a palavra o Parlamento.

A venda de senhas foi proibida pela policia

Já depois de escrito este artigo, informam-nos do Governo Civil que se encontram no gabinete do director da Policia de Investigação alguns emissores de senhas que o sr. dr. Crispiniano da Fonseca mandou chamar, a fim de tomar providencias ácerca do escandaloso negocio.

O director da Investigação declarou aos negociantes, reunidos no seu gabinete, que d'ora avante ficava expressamente proíbida a venda de senhas, sendo severamente castigados aqueles que infringirem a resoluçao tomada por aquela autoridade superior da policia.

Vão ser tomadas providencias especiais de vigilancia, no sentido de acabar imediatamente com o escandaloso negocio das senhas, não permitindo que os emissores das séries recuperaveis continuem a abusar do publico que acredita nas suas fantasticas promessas.

Resta saber se a policia garante a todas as pessoas que caíram na armadilha o reembolso do seu dinheiro, ou se os espertalhões se ficam ainda a rir da medida tomada pelo sr. dr. Crispiniano da Fonseca, numa hora de feliz inspiração.

Dr.ª Maria de Lacerda
DOENÇAS UTERINAS — Calçada do Sacramento, 7, 2.º, ás 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 2 ás 4. — Telef. C. 4359.

AS «PRÉMIERES»

A opereta ROMA GALANTE que está em scena no S. Luiz e a sua intepretação

«Roma Galante», que ante-ontem subiu á scena, no teatro S. Luis, sai fóra das moldes sentimentais da opereta vienense. O trabalho de Rodolph Schanzer, Ernest Valich e Jean Gilbert aborda principalmente a farça, substituindo a fantasia pelo contraste das epocas historicas, com figuras que são de todos os tempos, embora envergem a toga grave dos senadores romanos ou o jaquetão simples dos nossos contemporaneos. «Roma Gelante» é uma «pochade» feliz, jovial, alegre e inverosimil. O publico gostou e aplaudiu — e a critica tem que registar essas impressões, que, oxalá, se mantenham durante muito tempo.

A opereta tem um primeiro acto colorido, com passagens musicais agradaveis e sugestivas. O segundo, é quanto a nós, o melhor da opereta. A acção é mais intensa e os artistas representam mais á vontade, dentro de uma tradução que se deve afastar do original para o aportuguesamento comico das scenas e das figuras. Neste acto ha numeros de musica interessantissimos, como seja um dueto entre Vasco Santana e Maria Alvarez. O ultimo acto marca o classico desfecho, onde ainda subsistem situações engraçadas e maliciosas.

«Roma Galante» está montada com grande aparato.

O guarda-roupa pode classificar-se dos melhores que a companhia Armando de Vasconcelos tem apresentado.

A interpretação é um sorriso agradavel.

Auzenda de Oliveira representou com graça, entusiasmo e mocidade. Vasco Sant'Ana criou um Luculus, luculiano de carnes. Os seus exageros são naturais e inteligentes. Maria Alvarez trabalhou com intensidade os bailados. Fernando Pereira fez com logica um embaixador. Sofia Santos desentranhou se em comico. Da caracterização de Sebastião Ribeiro, discordamos. Os outros artistas deram sem dificuldade os seus papeis.

O corpo coral, ritmico e equilibrado. A musica da «Roma Galante», regida pelo maestro Gomes ouve-se com atenção. Traduziu a opereta a parçaria Feliciano Santos, Acacio Antunes, Esculapio e Carlos Ferreira.

* * *

Só ámanhã podemos publicar a critica do «Jim», peça com que Robles Monteiro realizou a sua festa artistica na sexta feira, e que está obtendo um grande sucesso, no Teatro Politeama.

UM FILHO do Visconde de Asseca foi atirado á linha?

O individuo que os jornais da manhã de hoje dizem ter sido atirado á linha, ontem pelas 2 horas, no tunel do Rocio, chamar-se Martinho da Fonseca, de 26 anos, e ser natural de Sintra, foi esta tarde reconhecido na sala das observações do hospital de S. José, onde se encontra em estado gravissimo e sem fala. Um seu amigo intimo verificou tratar-se do sr. Martim Correia de Sá, filho do sr. Visconde de Asseca, e residente na quinta do Vigia, em Sintra.

Sua familia foi prevenida esta tarde.

O ferido recolheu depois ao quarto n.º 2.

LICOR ANTI-GOTOSO
Eficaz no tratamento da
Gota e reumatismo articular
FARMACIA DURÃO
CHIADO, 90

A PATRIA
SOCIEDADE ALEMTEJANA DE SEGUROS
Sédet EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e em todos os outros ramos.

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8 3/4
AMORES DE PRINCIPE
ou
O carroussel da vida
SHERLOCK HOLMES JUNIOR
Uma revista de actualidades — Um documento de arte - Uma panoram'ca portuguesa

NOS DEPUTADOS

A questão
DA CARTEIRA
de profissional da Imprensa
foi levantada hoje

O periodo antes da ordem do dia, hoje na Camara dos Deputados, decorreu no meio de uma animação excepcional.

O primeiro orador a usar da palavra, o sr. Arnaldo Brazão, tratou do conflito suscitado na nossa marinha mercante, e referiu-se aos inconvenientes e dissabores que desse conflito podem resultar.

E depois, com grande vivacidade, o sr. dr. Alfredo Nordeste, da esquerda democratica, censurou a fórma por que estão procedendo determinados membros do governo que, sistematicamente, não comparecem ás sessões da Camara, com grave prejuizo do prestigio parlamentar.

O deputado esquerdista referiu-se, especialmente, aos titulares das pastas do Interior, dos Estrangeiros e da Agricultura, cuja falta lhe mereceu as mais asperas censuras.

Como o sr. dr. Alfredo Nordeste se houvesse referido ao decreto ultimamente publicado e que diz respeito á concessão da Carteira do Profissional de Imprensa, o sr. Cunha Leal, usando da palavra para explicações, lamentou a atitude assumida pelo chefe do governo que, não atendendo um projecto de lei pendente de resoluções do Parlamento, manifestou a sua pouca consideração pela instituição parlamentar.

O assunto ainda deu ensejo a explicações do sr. ministro da Justiça que procurou explicar a atitude dos seus colegas, todos ausentes por motivo de força maior.

A CARIDADE

Um desafio de «Foot-ball»

A exemplo do que se tem feito nos outros anos, realiza-se na segunda-feira, 19, pelas 16 horas, no campo do *Sporting*, um desafio a favor das casas de caridade, organisado pelos comerciantes dos Mercados de Santos e de 24 de Julho.

Concurso anual de Chronometria de 1925 no Observatorio Astronomico de Genève

Brilhante Sucesso dos Relogios

LONGINES

que alcançaram

o PRIMEIRO dos PRIMEIROS PREMIOS DE SERIE

entre fabricantes, para os 5 melhores Chronometros Classe de Bordo.

Os primeiro e segundo Premios Individuaes

na Classe superior dos Chronometros de Bordo.

O PRIMEIRO PREMIO dos PREMIOS GUILLAUME

O PREMIO DO Desvio MEDIO

Os Chronometros **LONGINES** teem concorrido unicamente na Classe Superior, dos Chronometros de Bordo.

Os resultados notaveis que acabam d'obter corôam brilhantemente os sucessos que obtiveram nos Concursos de 1922, 1923 e 1924.

A' MARGEM DUM CRIME

O cocheiro
Cambalhotas
conta ao "Diario de Lisboa,,
o que sabe sobre a morte
de Machado Santos

A descoberta do assassino da actriz Maria Alves fez nascer em muita gente a suspeita de que ele tivesse desempenhado qualquer papel decisivo na morte de Machado Santos e no roubo da sua carteira.

Chegou mesmo a afirmar-se, no Governo Civil, que certo individuo declarou ter visto Augusto Gomes desfechar a sua pistola contra o malogrado fundador da Republica.

Em presença de tais suspeitas, o seu irmão sr. Augusto Machado Santos, requereu ao sr. director da P. I. C. para mandar investigar sôbre a possibilidade da conivencia do empresario no assassinio e no roubo do almirante.

* * *

E voltou á baila o nome do «Cambalhotas».

O «Cambalhotas» — que assim é conhecido o cocheiro Valentim Marta — foi quem transportou Augusto Gomes, na noite de 19 de Outubro de 1921.

Impunha-se uma conversa com o Valentim. Não foi facil a tarefa. Houve que percorrer quasi meia cidade, á sua procura.

Encontrámo-lo, por fim, no Cais do Sodré, conversando com dois colegas.

E dissémos-lhe:

—Então, constava que você estava preso!...

—Bem sei. Já mo disse o «Maçarico».

O «Maçarico» é outro cocheiro muito conhecido da Lisboa boemia.

—Não foi nada disso. O que se passou foi o seguinte: Ontem, estava eu no Camões, a conversar com uns amigos, e um deles disse, a brincar, referindo-se á morte de Machado Santos: «Tu fôste um cobarde, ó «Cambalhotas»!

— E você?

— Respondi-lhe que havia outros mais cobardes. E um bocado depois, dirigiu-se-me um rapaz «bem posto» e perguntou-me: «Você é que é o «Cambalhotas?» Disse-lhe que sim. «Pois eu sou autoridade e você tem que vir ao Governo Civil».

E assim foi.

* * *

— Quando cheguei ao Governo Civil, levaram-me para a 2.ª secção e depois para um gabinete. O sr. dr. Paiva Lereno interrogou-me sobre a morte de Machado Santos.

— E você o que declarou?

— A verdade, como sempre. Ha quem julgue que eu menti, por ter mêdo! Eu disse sempre a verdade. O que não posso é dizer mais do que vi...

— E o que viu, afinal?

—Na noite de 19 de outubro, eram umas duas e meia, fui chamado, no Rossio, pelo sr. Augusto Gomes, que estava a falar com o cavaleiro tauromaquico sr. Eduardo Macedo. O sr. Gomes meteu-se no carro — que era o n.º 4, uma tipoia velha que está em Cintra, na «praça» — e disse-me: «Leve-me a Arroios». Assim fiz. Quando passámos perto da Guia, alguns policias armados obrigaram-nos a parar, e perguntaram-nos para onde iamos. O sr. Gomes respondeu exaltadamente que não tinha que dar satisfações. Em vista disto, fomos presos para a esquadra da Mouraria. Mas o chefe Aires conhecia-o, e deixou-nos seguir em paz. Ao meu lado, na boléia, ia o «Tarantas», um rapaz que vende cautelas na Esperança...

* * *

A tragedia:

—Quando iamos quasi ao pé das Encomendas Postais, ouviram-se muitos tiros dos lados do Intendente. O «Taranta» atarantou-se: «O' diabo, aquilo para ali está mau!» O sr. Gomes respondeu: «Não faz mal. Eu sei do que se trata...» E fomos seguindo...

—Viu alguma vez o emprezario com o alcache?

—Não. Estava á paisana... Quando chegámos ao fim da Calçada do Desterro, alguns marinheiros fizeram parar o carro e mandaram descer o sr. Gomes e o «Taranta». E, apontando-me uma «camionette», onde estavam alguns marujos e soldados da Guarda, disseram-me: «Você tem que levar um homem para a Morgue». E meteram no trem, sobre o tapete, o corpo de Machado Santos.

—Você observou-lhes alguma coisa?

—Disse que fôsse alguem comigo. Entraram dois marinheiros para dentro do carro, e subiu um para a almofada. Batemos á porta da Morgue, mas o empregado que lá estava disse que não aceitava nenhum corpo sem um documento. Eles apontaram-lhe as armas — e o homemsinho viu-se obrigado a agarrar no cadaver e a levá-lo ás costas.

—E', então, falso que o corpo tenha sido atirado á rua?

—E' mentira! O que se passou, foi o que eu lhe disse. Depois, os marinheiros queriam que eu ficasse ao serviço deles, porque a «camionette» estava «empanada». Pedi-lhes que me dispensassem, e me deixassem ir ter com o freguês e acabar o seu serviço. E voltámos ao Intendente. O sr. Gomes e o «Taranta» estavam a conversar com os marinheiros.

—Como é que eles os trataram?

—Nem mal nem bem. Mas, tanto um como o outro, estavam bastante atrapalhados. Subiram para o carro, e fui levar o sr. Gomes até á rua de Arroios, onde me pagou.

—E você não lhe disse nada, á despedida?

—Pedi-lhe, para evitar incomodos, que não contasse nada a ninguem. Mas ele respondeu-me que, dali a pouco, participaria o caso ao sr. Presidente da Republica. Desci ao Rossio, e uns oficiais aviadores quizeram que eu os levasse á Amadora. Mas eu tinha um cavalo côxo e o carro cheio de sangue. Preguntaram-me de que era. Contei-lhes o que se passara, e eles disseram-me: «Então, vá-se embora, que já não queremos o carro para nada».

—E depois?

—Depois, apareci envolvido nisso — e perdi quatro meses nas audiencias.

—E, afinal...

—Afinal, quem poderia dizer alguma coisa era um soldado da Guarda, que estava na «camionette» e que é hoje «chauffeur» duma condessa. Ele respondeu, e foi absolvido. E, já agora, deixe-me dizer que, no Intendente, eu não vi o «Dente de Ouro»...

—E o roubo da carteira?

—Não sei nada. Mas deve ter sido feito por algum dos marujos...

—Então o emprezario está inocente desse crime?

—Não sei... Só se ele ajudou a matar o almirante, e depois veiu ao Rossio buscar o trem... Porque, quando nós chegámos ao Intendente, já o crime tinha sido praticado.

Yardley & Co. Ltd.
PERFUMERY — and Fine Soap «Makers»
Os mais finos sabões e perfumes
Representantes e depositarios:
Corporação Mercantil Portugueza, Ltd.ª
Rua Augusta, 220-2.º
LISBOA — Telef. N. 3204

Pelos teatros

Chérie Valentine

Despede-se hoje do publico do Foz, em pleno exito, Chérie Valentine, a admiravel bailarina mexi-

CHÉRIE VALENTINE

cana que deslumbrou, com os seus maravilhosos bailados as platéas de Paris, do Mexico, dos Estados Unidos, de Inglaterra, da Italia, de Cuba e de Espanha.

Joaquim Almada

Joaquim Almada é já um grande artista — um actor que firmou o seu nome e tem diante de si um caminho glorioso a percorrer. O seu trabalho n'«A Exilada», em scena no teatro da Trindade, vinca-lhe a personalidade como artista de grandes lances. Breve, porém, teremos ensejo de o ver revelar outra facêta do seu talento, interpretando um papel comico de muito relevo, na peça «O homem das cinco horas», tradução de Alvaro de Andrade, que a companhia Lucilia Simões porá em scena no dia 28 do corrente, a seguir ás representações da companhia francesa da actriz Charlotte [illegible].

Atrás [illegible]

Na peça «La grand-duchesse et le garçon d'etage» de Alfred Savoir, que está em ensaios no teatro Nacional entram nos principais papeis as artistas Ester Leão, Albertina de Oliveira, Antonio Pinheiro, Ribeiro Lopes, Luis Pinto, Otele de Carvalho e Valerio de Rejanto.

—Realisa-se no dia 19, no Teatro Politeama, a festa artistica de Amelia Rey Colaço, representando-se as peças «Salomé», de Oscar Wilde, episodio dramatico em 1 acto e «Hora imaculada», de Dario Nicodemi, tradução de Augusto Gil.

—Ernesto Wilches na sua estada em Lisboa, onde se estreiará no dia 17 de maio, representará a peça «Wu-Li-Chan», que o actor Clemente Pinto creou no Teatro Nacional, ali representada com o titulo «Mister Wu».

—Lucilia Simões, Amelia Pereira, Irene Izidro e Noemia Pinto são as unicas atrizes da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga que entram na peça «O homem das cinco horas» que no dia 28 sobe á scena no Teatro da Trindade.

—A recita do actor Raul de Carvalho, que devia efectuar-se na noite de 19, no Teatro Politeama, foi transferida para 20.

—Realiza-se hoje, no teatro Nacional, a primeira recita da moda com a peça de Charles Mére, «A dança da meia noite».

—O teatro Variedades, no Parque Mayer, inaugurar-se-ha com a «reprise» da conhecida revista «Piparote», completamente remodelada.

—Continuam obtendo o maior exito, no teatro Maria Vitoria, as cinco «Girls» inglesas que presentemente colaboram na revista «Foot-ball».

—A «tournée» Maria Matos-Nascimento Fernandes, nas ilhas, teve o seguinte resultado: fraca na Madeira, onde o publico não aprecia o genero farça e comedia; regular em S. Miguel, com lucros apreciaveis e magnifica na Terceira, onde efectuou doze recitas com uma media de 8.000 escudos cada espectaculo.

— Por deferencia para com o seu colega Mario Campos, que brevemente realiza a sua festa no Teatro S. Luiz, toma parte no «sketch», «As minhas amadoras», o actor Alexandre de Azevedo.

— Os scenarios da revista «Fox-Trot», que vai subir á scena no Teatro Josquim de Almeida, são de quasi todos os artistas da especialidade, entre eles Augusto Pina, Mergulhão, Salvador, Reis, filho; Renda, Serra e Amancio, Oliveira, Campos, Reinaldo Martins e Baltazar Rodrigues.

CARTAZ

TEATROS

Nacional=A's 21=«A Dança da Meia Noite».
S. Luiz=A's 21=«Roma Galante».
Trindade=21,15=«A Exilada».
Avenida=A's 21,15=«Pão de Ló».
Politeama=A's 21,30=«O Segredo de Polichinelo».
Gymnasio=A's 21,30=«O Az».
Apolo=A's 21,30=«O Martir do Calvario».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
Coliseu dos Recreios=A's 21 (9 n.)—Ilusionista Raymond.
Salão Foz=A's 15 e 21,15=Companhia de Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinées e soirées».
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça dos Restauradores.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Terças Quintas e Sabados.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão Recio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.
Eden-Cinema=Rua da Avila—Alcantara.

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Hoje e sempre (A's 21,15)
O maior exito teatral da presente epoca

O Pão de ló

Brevemente: O novo «Fado do Pão de Ló».

Politeama Emp.ª Luis Pereira Telef. 3028 N.
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, ás 21,30
RECITA EXTRAORDINARIA e a pedido

O Segredo de Polichinelo

COMPANHIA PORTUGUEZA DE PHOSPHOROS

Sociedade Anonima, Responsabilidade Limitada
Capital Esc. 11:999.970$00

Mesa da Assembleia Geral

Assembleia Geral Ordinaria

E' convocada a Assembleia Geral Ordinaria desta Companhia para o dia 30 do corrente, pelas 14 horas, na rua do Ouro, 32, 1, sendo a ordem do dia:

Discutir o Relatorio do Conselho de Administração sobre a Gerencia de 1925 e votar as conclusões do parecer do Conselho Fiscal.

E' igualmente convocada a

Assembleia Geral Extraordinaria

A requerimento dos Conselhos de Administração e Fiscal e nos termos do Art.º 23.º dos Estatutos, para o dia 30 do corrente—logo que findem os trabalhos da Assembleia Geral Ordinaria—no mesmo local, a fim de deliberar sobre materia contida no § 1.º do Art.º 29.º dos Estatutos.

Lisboa, 12 de Abril de 1926.

O Presidente da Mesa
(a) *Alvaro Possolo*

George Henry Bleck

Sua familia participa o seu falecimento e que o funeral se realisou em 12 do corrente.

A Alsaciana

Participa ás Ex.mas **Clientes que inaugura a sua Estação de verão ámanhã, quinta-feira, 15 do corrente, com as ultimas criações da moda em tecidos de seda e de lã, acabados de chegar de PARIS E LONDRES.**

A todas as nossas Ex.mas Clientes que nos deem a honra da sua visita, apresentamos desde já os nossos agradecimentos.

A ALSACIANA

280, Rua do Ouro, 284

Instituto Policlinico da Estefania
Largo D. Estefania, 6, 1.º—Tel, N. 3435

Corpo clinico—Doutores

A. de Almeida Rocha—Clinica geral—ás 14 h.
Antonio de Carvalho—Sifilis—ás 11 h.
Berta de Morais—Doenças das senhoras—ás 13 1/2 h.
Carlos Guerra—Clinica medica—Doenças do coração e pulmões—ás 18 h.
Domingos Dias—Doenças da boca e dentes—Protese—ás 10 h.
Fernando Wadington—Raio X—Electricidade medica.
Heitor da Fonseca—Clinica medica—Doenças do estomago, intestinos e figado—ás 12 h.
J. Pais de Larangeira—Doenças dos rins e vias urinarias—ás 11 h.
José Salazar Carreira—Doenças das crianças, ortopedia, gimnastica e maçagem medica ás 10 1/2 h.
Pedro Roberto Chaves—Analises clinicas.
Teodoromiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—ás 16 h.

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

TEATRO DA TRINDADE Tel. T. 976
Hoje, ás 9 e 15

A EXILADA

de Kistemaeckers, tradução de José Sarmento
Empolgante criação da actriz
Lucilia Simões

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE—A's 21 horas
RECITA DA MODA com a notavel peça

A Dança da Meia Noite

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
TODAS AS NOITES, ás 9,15
A emocionantissima peça

O Martyr do Calvario

Protagonista RAFAEL MARQUES
PREÇOS POPULARES
SEMPRE SEM LOCAÇAO

THEATRO DO GYMNASIO
Direcção de Gil FERREIRA—Tel. T. 914

Recita da moda
A mais graciosa das comedias

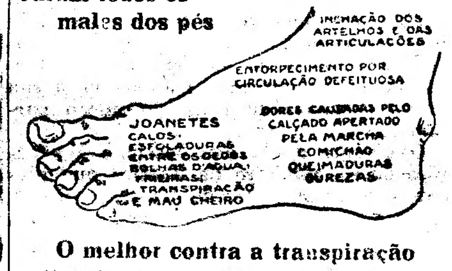
O AZ

com Palmyra Bastos, Alegrim, Gil Ferreira e Albuquerque
VENDA SEM LOCAÇÃO.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

Saes «DERMOXA»

Curam todos os males dos pés



O melhor contra a transpiração

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.

Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.

N. B.—Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo.
Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta—Paris.

Tribunal do Comercio de Lisboa

1.ª Vara

EDITOS DE 30 DIAS

Por este Tribunal, e cartório do escrivão Sá Nogueira correm editos de 30 dias contados da segunda publicação deste anuncio no «Diario do Governo» e outro periodico citando a firma Mendonça Henriques Lt.ª, que teve séde na rua Garrett, 48 e José Gorjão Henriques, residente que foi no Hotel Borges, desta cidade, ambos ausentes em parte incerta, para na segunda audiencia posterior ao praso dos editos virem acusar a citação e marcar 3 audiencias para contestar, querendo, sob pena de revelia a acção ordinaria que lhes move o Agente do Ministerio Publico junto deste Tribunal, em nome do Estado, na qual este pretende que a ação seja julgada procedente e provada, e os reus condenados a pagar-lhe a quantia de 576.000$00 e os mais que se apurar em execução de sentença a titulo de prejuizos resultantes de falta de cumprimento de contracto celebrado em 14 e 15 de Maio de 1924 entre o Comissariado dos Abastecimentos e a firma citada, nos termos do Art. 705 e 709 do Cod. Civil, nas custas e procuradoria.

As audiencias realizam-se no Tribunal do Comercio sito na rua de S. Pedro d'Alcantara, n.º 75, 1.º, todas as 2.as e 5.as feiras pelas 11 horas, excepto nos dias feriados em que se transferem para os imediatos, se o não forem tambem.

Lisboa 30 de Novembro de 1925.

O escrivão
Anibal de Sá Nogueira

Verifiquei

O Juiz Presidente
J. Sampaio

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
compra e venda de moedas estrangeiras — Coupons, papeis de credito — ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 LISBOA

ESTRANGEIRO

Avelino de Faria
NOTARIO
Rua Nova do Almada, 64, 1.º
TEL. C. 4367

INGLATERRA

A PAZ entre o Vaticano e o governo italiano

LONDRES, 14

Diz o *Daily Telegraph* que a Republica de S. Marinho vai crear uma legação junto do Vaticano e nota que o enviado de S. Marinho poderá servir de intermediario entre o Vaticano e o governo italiano.

O mesmo jornal acrescenta que a ideia de Mussolini sendo reconciliar-se com o Vaticano e restabelecer a paz entre o Estado e a Igreja, poderá realizar a conceção de um imperio italiano, apoiando-se a Itália no Vaticano e tornando-se a primeira potencia catolica do mundo.—(H.)

O conflito entre os mineiros e os proprietarios

A reunião dos representantes dos proprietarios das minas e dos mineiros não chegou a qualquer resultado positivo.

Os mineiros declararam que, não se nacionalisando as minas, aprovariam em principio a fusão de certas emprezas carboniferas, preconisada pela comissão de inquerito. A data da proxima reunião não foi ainda fixada. O governo, por seu lado, discutirá amanhã a questão carbonifera. — (H.)

Poincaré e as suas memorias politicas

O *Morning Post* começa a publicação de extractos das Memorias de Poincaré.

O primeiro artigo publicado refere-se no seu conjunto, aos acontecimentos que tiveram logar no momento da questão de Agadir. — (H.)

Os jornais publicam um telegrama de Bagdad informando que o aviador espanhol Estevez foi encontrado a 200 milhas a Este de Amman. — (H.)

UM DRAMA EM PARIS

A artista cinematografica Wanda Sylvano apareceu morta em sua casa

Germana Fouilleul, artista dramatica e *vedete* de cinema usando o nome de Wanda Sylvano, apareceu morta na casa que ha três anos habitava em Combevaie. Junta dela, e em etado bastante grave, foi encontrada a mais intima e a mais dedicada das suas amigas, M.elle Hyvrard, advogada e pessoa de certo nome no foro de Paris.

Quais as origens desta tragedia que preocupa, neste momento, as atenções da grande capital? Quais as causas verdadeiras do drama que tem tanto de original como de misterioso?

A policia procede activamente as invetigações, procurando descobrir a verdade num caso que é de dificil apuramento e onde as conclusões não pódem ser facilmente tiradas. Entretanto, a policia investiga e espera chegar a resultados satisfatorios.

* * *

Trata-se de um envenenamento, ignorando-se, porém, ainda qual o toxico empregado pelas duas mulheres.

Num dos dias da ultima semana elas juntaram-se, como era seu costume. Meteram-se no auto da artista e fôram para o Bois, onde passaram uma grande parte da tarde. Ao começo da noite, jantaram num *restaurant* dos Campos Elisios e fôram depois para o teatro.

Se regressaram a Combevoie cerca das duas da madrugada.

Por volta do meio dia, a mãe da artista a quem esta havia cedido um compartimento junto do seu, ouvia tocar desabaladamente a campainha do telefone no quarto de sua filha. Ficou inquieta. E receando qualquer desgraça, arrombou a porta, deparando logo com o cadaver de Wanda Sylvano, e encontrando M.elle Hyvrard seriamente mal. O medico, mandado chamar a toda a pressa, ainda poude salvar esta ultima.

* * *

Wanda Sylvano fazia em Paris vida larga. Muito conhecida nos meios teatrais, trabalhou em varias casas de espectaculo do *boulevard*, tendo tambem trabalhado sob a direcção da grande Sarah. Ultimamente, porém, era o cinema que absorvia as suas atenções.

Neste momento, estava ela trabalhando para a realização de um *film* onde eram postas á prova as suas excepcionais qualidades de desenvoltura, e até certas atitudes de energia que eram caracteristica do seu temperamento excepcional.

Era uma rapariga ultra-moderna, cuja mizade com M.elle Hyvrard datava de ha alguns anos. A advogada, embora fizesse uma vida mais modesta do que a sua amiga, viv'a com relativa largueza.

Uma grande parte da sua vida passava-a em casa de Wanda Sylvano a quem se havia afeiçoado aproposito do julgamento de uma causa em que ambas tiveram directa intervenção.

DO BRASIL

O QUE se diz do boxeur Tavares Crespo...

RIO DE JANEIRO, 14

Anibal Fernandes tem um combate com Italo Hugo, em S. Paulo, no dia 8 do proximo mês de Maio.

A Comissão Paulista de Box proíbiu Crespo de lutar em S. Paulo. A' volta do campeão português ha grandes paixões. Ao passo que uns o atacam, outros defendem-no calorosamente.

O «boxeur» italiano Spalla, ex-campeão da Europa, que ha pouco teve um combate com o argentino Firpo, pelo qual foi vencido, chegou a S. Paulo, estando a ser alvo de grandes manifestações de simpatia por parte dos elementos desportistas paulistanos. O conhecido «boxeur» declarou que levou vantagens sobre Firpo e que noutro local seria considerado vencedor.

O Presidente do Club Palestra Italia anunciou que Firpo desafiou Spalla para um «match» de desforra, a realizar em S. Paulo no mês de Agosto. — (A.)

Um "raid" no continente brasileiro

Uma Comissão do Aero Club avistou-se com o sr. Presidente da Republica para lhe expôr o plano que elaborou por incumbencia daquela colectividade para a realização dum grande vôo internacional por aviadores brasileiros. No caso do governo aprovar esse projecto, iniciar-se-hão imediatamente os preparativos para a sua realização. — (A.)

BAIA, 13

Encontra-se neste porto o «destroyer» espanhol *Alcedo*. O comandante do barco, acompanhado pelo seu ajudante cumprimentou as autoridades. Estas retribuiram em seguida a visita. Os marinheiros espanhois têm sido muito homenageados. — (A.)

RIO DE JANEIRO, 14

Por iniciativa do Presidente do Estado do Paraná, sr. Munhoz da Rocha, vai ser instalado, em Curitiba, um observatorio astronomico e meteriologico. — (A.)

GALERIAS DO CHIADO
31—Rua Anchieta—1.º
Exposição das primeiras novidades, provenientes das melhores e mais afamadas casas de Paris.
Chapeus de Mimoso
Vestidos de Agnés
Sombrinhas de Vedrenne
Sacos de Lancel
Santoirs de Tecla
Echarpes de Bianchini
Tudo lindo - Tudo ideal
Tudo marcado com preços de reclamo
GALERIAS DO CHIADO
Rua Anchieta — 31, 1.º
Esquina do Chiado

The Match and Tobacco Timber Supply Co.
Sociedade Anonima, Responsabilidade Limitada
Capital autorisado Lb. 1.000.000 realisado Lb. 100.000
Assembléa Geral Ordinaria
E' convocada a Assembléa Geral Ordinaria desta Companhia para o dia 30 do corrente, pelas 15 horas, na rua do Ouro 32, 1.º, sendo a ordem do dia:
Discutir o Relatorio do Conselho de Administração sobre a gerencia de 1925 e votar as conclusões do parecer do Conselho Fiscal.
Lisboa, 10 de abril de 1926.
O Presidente da Mesa
(a) D. Affonso de Serpa Pimentel, Marquez de Gouveia

Sociedade Industrial de Chocolates
E' convocada a Assembléa Geral Ordinaria desta Sociedade para o dia 30 do corrente, ás quinze horas, na sala da Sociedade de Agricultura Colonial, rua dos Douradores, 20, 1.º, com a seguinte ordem do dia:
1.º—Discussão e votação do relatorio, balanço e contas do exercicio de 1925.
2.º—Eleição de um membro do Conselho de Administração para substituir o que terminou o seu mandato.
Lisboa, 14 de Abril de 1926.
O Presidente da Mesa da Assembléa Geral
Manuel Carlos de Freitas Aizina

CINEMA CONDES
HOJE ÁS 20 HORAS
Soirée da moda ás 20 horas—Reunião elegante
Estreia da sensacional comedia burlesca
Pistolindo viuvo — 2 partes
por Conrad Hip e Gloria Joy.
Grande sucesso da serie de aventuras
OS LOBOS DO NORTE
1.º, 2.º e 3.º episodios — 6 partes
por Edith Johnson e o intrepido William Duncan
O CIRCO
5 partes por Gladys Walton
Revista Mundial 311
Sexta-feira:
O capucho duma dama
8 actos por Harry Liedtke

Querem segurar a VIDA?
Querem segurar o seu pessoal contra ACIDENTES DE TRABALHO?
Não o façam sem se informarem das condições da COMPANHIA GERAL DE SEGUROS
LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 121 — Tel. C.-3415

SAPATARIA CONTENTE, LTD.A
CALÇADOS CHICS
ULTIMOS MODELOS
Rua do Carmo, 74 Telf. 5359 N.

"Philip Morris,,
O melhor cigarro

ULTIMAS NOTICIAS

Restaurant Bomjardim
Cerveja Portugalia em canecas ao preço da fabrica
Bife á Bomjardim, uma caneca de cerveja ou meia garrafa Colares 7$00. Almoços e jantares de mesa redonda. Aceitam-se comensais.
Josefino da Silva.

A TRAGEDIA DE ARROIOS

O mobil do crime

foi simplesmente o roubo

Ha quinze dias — terminam amanhã—que o governo civil não tinha uma hora de calma. Cessou o tumulto. Cessou o vai-vem das testemunhas. Cessou a saída rapida dos agentes, que iam cheios de esperança e voltavam sombrios de desalento. O sr. dr. Paiva Lereno chegou hoje mais tarde ao seu gabinete. Recebe as primeiras felicitações. Como funcionario cumpriu o seu dever — aceitando as pistas fornecidas pelos jornais, seguindo de perto aquelas que a policia descobria ou intentava seguir. Ao sr. dr. Paiva Lereno deve-se muito do exito das diligencias. Foi incansavel. Soube ser sereno até ao fim, procurando sempre colocar-se dentro da lei.

Na sua secção, o chefe Murtinheira trabalha. Os agentes — e são eles o Zeferino da Silva, o Custodio das Dores, o Alves, o Ferreira da Silva e outros — conversam com todos os «reporters».

O crime está descoberto. Falta agora testemunhar alguns detalhes, de importancia secundaria. Afinal, venceram todos: a policia e os jornalistas, que já se abraçam e felicitam reciprocamente.

Porque não foi preso Augusto Gomes

A policia suspeitou desde a primeira hora de Augusto Gomes—diz-nos o sr. dr. Paiva Lereno. Tinha sido ele a ultima pessoa a falar com a victima. Mas não havia provas; havia apenas suspeitas. Dizer que Gomes era o criminoso—era facil; provar é que era dificil. A policia quiz dar-lhe a impressão de que não suspeitava dele. As suas negativas indicavam que ele tinha elaborado já um plano de defeza. Surgiu a carta, a ultima carta que Maria Alves escreveu á mãe—documento esmagador, que fez com que Gomes fosse posto incomunicavel.

O assassino continuava a negar, sem contradições, com logica, com calma.

—Se Gomes tivesse logo sido preso tinha oito dias para provar que ele era um criminoso. Caso não provasse, Gomes—como a lei determina—seria posto em liberdade ou mandado para a Boa-Hora, onde seria despronunciado por falta de provas.

—O sr. dr. colocou-se sempre dentro da lei?

—Sempre.

—A policia não tem o dever de prender ninguem apenas por suspeita e ninguem pode estar detido, sem culpa formada, mais de 8 dias.

—...

—Em 5 dias o crime foi descoberto. Gomes foi preso, quando obtivemos os elementos suficientes para destruir as suas negativas.

—Mas a prisão preventiva...

—Não é um castigo. E' um meio que a lei faculta á policia para apurar a verdade e que em qualquer altura pode ser usado.

Posta a questão jurídica, vamos aos factos.

A confissão do criminoso

Gomes negou durante 12 dias. Qualquer facto detalhava-o logo, abundantemente. Quando lhe foi levantada a incomunicabilidade—Gomes respirou. Mas quando de novo ela lhe foi imposta—o criminoso sentiu-se preso nas suas mentiras. Descoberto.

Paiva Lereno tinha já ouvido a confissão de João Fernandes, bom rapaz, bom «chauffeur», temperamento timido e dedicado. O João Fernandes cumprira o seu dever, procurando o advogado da Cooperativa dos «Chauffeurs» Lisbonenses, que o aconselhara erradamente. Entre lagrimas, João Fernandes confessou tudo á policia. A sua inocencia está provada; a sua ingenuidade tambem.

O sr. dr. Paiva Lereno, em presença de Augusto Gomes, diz-lhe o trajecto fantastico que ele seguiu no automovel e a maneira como tinha morto a actriz.

O criminoso nega:—São calunias dos meus inimigos!

Entra o pobre João Fernandes, que repete a confissão.

—Estás vendido!

Nesta altura, o sr. dr. Paiva Lereno diz ao criminoso que tem todas as provas, que não é só o «chauffeur» que testemunha o seu crime. Ha alguem mais.

—Quem?

—Alguem que muito o estima, que está sofrendo por sua causa. O «bote» era directo. Gomes compreende que a Miquelina está presa e o sr. dr. Paiva Lereno, encontrando o ponto vulneravel do bandido, diz-lhe:

—Até agora você foi forte. Defendeu-se. Agora não passa dum «covardola»!

Gomes pede para que os membros da direcção dos «Chauffeurs», que estão assistindo ao dialogo—saiam. Então conta tudo—com o mesmo cinismo e a mesma frieza com que tinha mentido.

O sr. dr. Paiva Lereno reduz a auto a confissão do criminoso; chama os «chauffeurs» que estão na sala ao lado e pede-lhes para assinarem essas declarações.

Augusto Gomes

pretendeu vender
o colar de perolas
DE MARIA ALVES
na vespera de ser preso

Uma pista interessante

Quando a Augusto Gomes foi levantada a incomunicabilidade, uma das pessoas que lhe falou foi a Miquelina—a amante. Imediatamente ela procurou o «chauffeur» João Fernandes, repetindo-lhe as ameaças que Augusto Gomes lhe fizera e pedindo o seu silencio absoluto. O sr. dr. Paiva Lereno, que conhecia esta «démarche», insinuou-a no espirito do criminoso para mais facilmente lhe arrancar a confissão.

As luvas cinzentas

Sabe-se já que Gomes não matou Maria Alves, na Rua da Benificencia, mas sim no Campo Grande. Embora Augusto Gomes diga que quando a estrangulou não tinha luvas, o pobre «chauffeur» João Fernandes afirma que quando ele foi sentar-se a seu lado as levava calçadas.

Essas luvas—que não apareceram—foram abandonadas pelo criminoso, na rua João Crisostomo.

O auto-de-fé tragico

O criminoso levou para a casa da Rua Luciano Cordeiro o casaco e os objectos de oiro da victima—a que atribuiu um valor de 15 contos, para fazer crêr que a actriz havia sido assassinada por «gravateiros». Não é assim. Esses objectos valem muito menos. Nessa noite, o criminoso tomou chá e deitou-se, como se nada tivesse feito. Pediu á amante que escondesse o casaco. Ao outro dia a Miquelina leu nos jornais a noticia de ter aparecido, na Rua Francisco Foreiro, uma mulher assassinada, mas não ligou importancia ao caso. A' tarde, quando Augusto Gomes apareceu em casa, ela estranhou que ele quizesse queimar o casaco.

—Mataste a Maria Alves!

—Matei, mas não digas nada. Lembra-te que tens filhos e que eu, se te tratava mal era por causa dela.

Nessa mesma noite procedeu-se á queima do casaco de peles e da malinha da actriz. A operação foi feita no fogão da cozinha, onde ha uma chaminé com boa tiragem. Como todos os quartos têm reposteiros, estes foram afastados e a porta da cozinha, que dá para uma «marquise», aberta para saír o cheiro. O casaco foi cortado em tres partes. Cada um deles embebido em petroleo. As cinzas foram desfeitas com agua fria e atiradas á pia.

Augusto Gomes quebrou em pequenos pedaços os objectos de oiro, deitando-os depois na retrete da casa de banho. A policia crê que ele tenha destruido assim os objectos que roubou á actriz, tanto mais que a amante confirmou a versão. Houve apenas uma pequena discrepancia. Augusto Gomes afirma que o casaco foi queimado na noite do crime e a Miquelina confessa que foi na noite seguinte.

Augusto Gomes matou para roubar

O facto mais curioso da reportagem de hoje apareceu agora. Não é segredo para ninguem que Augusto Gomes exercia e exerce ainda uma grande influencia sobre a filha da sua vitima. Dias depois, após o crime, Augusto Gomes, não se sabe como, convenceu a pequena a ir com ele vender na ourivesaria Pires o colar de perolas da mãe, a melhor joia que ela tinha, e um alfinete de oiro e pedras, presente de oiro e pedras presente do sr. Carlos Alves. Quando chegaram, a ourivesaria estava fechada. Claro que Augusto Gomes não desconhecia este facto. Separou-se da pequena e levou o colar para a rua Luciana Cordeiro, onde a policia o foi descobrir. Interrogado sobre este facto, o criminoso disse que não tinha tido tempo de o restituir á filha da sua vitima, por ter sido posto incomunicavel. Este detalhe, que é importantissimo e gravissimo, prova exuberantemente que o mobil de assassinio de Maria Alves não foi o ciume, mas sim o roubo.

A policia sabe tambem já que Gomes não podia ter entregue á actriz o famoso conto e quinhentos. O criminoso, para explicar a proveniencia dessa quantia, afirmou que o Santos «Aldrabão» lhe tinha emprestado seis contos, o que não é verdade. O sr. dr. Paiva Lereno tem a nota dos dinheiros que Augusto Gomes diz terem-lhe sido emprestados. A quantia—quatrocentos escudos ou mais—que Maria Alves levava na mala, na noite do crime, utilizou-a o criminoso em seu proveito, tendo pago no dia 31, adeantando-se ao praso estipulado por lei, a renda da casa da sua vitima. A policia não teve tempo de saber onde estão as economias de Maria Alves, que deviam somar alguns contos de réis.

No Governo Civil

Hoje foi ouvida, no Governo Civil, a amante do criminoso, que, segundo a policia, tinha conhecimento do colar de perolas que o criminoso levou para casa, no intuito de o vender numa ourivesaria da rua da Palma, onde, segundo dissémos, chegou a ir.

A Miquelina confirmou o seu depoimento anterior, que se refere á destruição do casaco de peles e do conhecimento do crime. Foi ouvido, tambem, o Santos «Aldrabão», que insultou fortemente o Gomes.

O sr. Castanheira, que prestou declarações falsas á policia, vai ser enviado á Boa-Hora, como encobridor da verdade.

Esteve tambem prestando declarações, no Governo Civil, o cunhado e o irmão do «chauffeur» João Fernandes.

Um interessante dialogo

Um encontro casual entre Miquelina Sousa Amaral e a costureira de Maria Alves, provocou um interessante dialogo.

A Miquelina, ao saír do gabinete do chefe Murtinheira exclamou, a proposito do colar de perolas e do alfinete que o Gomes levou para a rua Luciano Cordeiro:

—Eu era incapaz de ter em meu poder qualquer objecto pertencente a Maria Alves! Sabe Deus, quantos objectos meus fôram para ela!

A costureira replica:

—Parece impossivel como o Gomes, premeditou o crime...

—Não diga isso, minha senhora!

«O pai de meus filhos procedeu num momento de loucura, ruido pelo ciume!

A outra volta a repetir:

—O crime foi premeditado e bem premeditado!

—Tome muita cautela com a lingua, senão ainda póde ir parar ao tribunal..

—Estou pronta a desfazer-me da minha casa e a vender tudo, tudo, o que ainda deve render uns 70 contos só para lhe valer.

—Porque razão o Gomes não confessou logo o crime? — preguntámos.

—Uma vez que ele começou a representar, era necessario representar sempre até ao fim. Da minha boca nada se soube. Agora, se ele fôr condenado para Africa, eu não deixarei de o acompanhar. Tenho fé em que ele ainda se póde regenerar! E' um homem novo...

—Sabia dos amores de Maria Alves com o Augusto Gomes?

—Sabia. Ha muito que Augusto Gomes e Maria Alves tinham sido postos de parte por mim. Se ele ainda estava comigo não era por amor ou amizade, mas sim para que eu e os fi[illegible]s não andassemos por aí...

Num desabafo:

—Eu bem sei que sou a amante de Augusto Gomes, mas não sou a amante vulgar de dias ou meses, sou a mãe de seus filhos, que se tem portado honestamente! O que feriu mais a minha sensibilidade foi os jornais todas as vezes que se referiam a mim, tratarem-me sempre por Miquelina!

Os seus olhos arrazam-se de lagrimas e os seus filhinhos gemios olham para ela com um sorriso dôce e inocente.

A "Calunia,,

Está em Lisboa o sr. João Sabino, representante da Empreza Cinegrafica Atlantida, do Funchal, que veiu a esta cidade a fim de colocar o «film» dramatico «A calunia», notavel produção da referida Empreza.

Este «film», que tem oito partes, foi exibido, em sessão particular, no elegante Cinema Condes, ante uma selecta assistencia, tendo sido muito apreciado, pelo trabalho dos seus interpretes, pelo entrecho e pelas belezas naturais do Funchal, onde se desenvolve o enredo.